

Agora, no rumo do mar

Antonio Contente

O "Albatroz" é veleiro de um só mastro, com vela grande, triangular, no meio; à frente, na proa, a bujarrona, menor, também triangular. Acho que o meu amigo Pedro Alba, o espanhol que o construiu num antigo estaleiro de Cametá, às margens do Tocantins, quase na foz, se inspirou nas lendárias vigilengas. Embarcações muito usadas nos velhos tempos aqui no Delta do Rio Amazonas e adjacências, de onde ora escrevo. Mas que nasceram na Vigia, uma das mais antigas cidades do Pará, com ricas tradições na história do Estado.

Faz manhã azul, absolutamente azul a cobrir minha choupana na ilha. Sobre o jirau, diante da baía, eu e Pedro estamos de pé a olhar o elegante "Albatroz" a balançar com as ondinhas baixas da maré vazante. Logo mais, assim que comecem a soprar os ventos da enchente, estaremos embarcando com destino às praias do litoral atlântico do Pará, a começar por Salinópolis. Conosco, a bordo, a paulista Cecy Pinto de Oliveira, a mais importante passageira por inúmeros motivos. Um deles: no ano passado, quando foi passar as festas de fim de ano com seu único filho e netas, em Genebra, ganhou de presente de um amigo suíço detalhado mapa, inteiramente desenhado pelo avô do moço, veterano aventureiro, lobo-do-mar. Que, nos anos 30 do século passado, ficou quase um ano a navegar pelo Delta do Rio Amazonas com incursões que o levaram, pelo mar, até o Delta do Rio Parnaíba, no Piauí. Iriamos testar os caminhos percorridos pelo europeu nestas misteriosas águas de encantos, tradições e lendas.

Quatro horas da tarde, um dos quatro tripulantes do veleiro recolhe a âncora, enquanto o vento da maré enchente vai tornando plena a vela grande e batendo em ritmo de fazer o mesmo com a menor. Eu, Cecy e o espanhol temos aberto diante de nós, numa mesinha junto ao timão, o mapa do navegador suíço, desenhado com riqueza de detalhes. De cara, já tivemos uma importante surpresa: o europeu passou diante da ilha de onde acabávamos de sair. Nas anotações, estava escrito que, tomando o rumo Oeste, poderíamos pernoitar em enseada onde existiam ruínas de construções feitas por navegadores da época das caravelas.

--- Quem sabe – Cecy apontou – avistaremos de bordo algum fantasma?

--- Ótimo – eu mesmo observei – desde que eles não tenham uma canoa para vir querer bater papo com a gente.

Por sorte a lua, que não estava plena, tinha, porém, tamanho suficiente para iluminar tudo. Do local onde ancoramos dava, de fato, para avistar, além das areias de mínima praia, umas ruínas. Não precisava ser nenhum expert para concluir que era o que restava de pequena capela, pelo traço da entrada; e da rústica torre que poderia ter abrigado modesto sino. Apurei a vista em busca d'alguma alma do outro mundo. O máximo que avistei foi o belo voo de duas corujas indo pousar próximo do que teria sido um capitel.

Ao longo de mais um dia inteiro de viagem, concluímos que o mapa do suíço era de impressionante perfeição, ainda mais com os detalhes do explicativo, imensamente rico. E, na manhã seguinte, bastou que entrássemos nas águas salgadas do Atlântico para darmos de cara com um imenso navio com bandeira inglesa certamente em busca do porto de Barcarena, que substituiu o que havia em Belém. O pessoal de bordo acenou para a gente e não demorou para um tripulante atirar, de bordo, um pacote de bom tamanho. Eram pães e bolachas de água e sal. Esses caras do Primeiro Mundo sempre acham que passamos fome por aqui...

Mais algumas horas, atravessamos a arrebentação e entramos no Porto Grande, em Salinópolis. Mal saltamos para a terra, um marreteiro veio perguntar para Cecy se ela queria comprar dois filhotes de jacarés. Os olhos da moça de pronto brilharam e ela disse que queria. Agora, os bichinhos estão num tanquinho da casa que nos hospeda. Ontem, criei coragem e perguntei pra compradora:

--- Mas, afinal, me diga: o que você pretende fazer com esses dois sáurios.

--- Vou levar para Campinas a fim de doar ao Bosque dos Jequitibás --- respondeu.

--- Estás brincando – eu sorri. E fui tomar uma cerveja num simpático buteco quase batido pelas águas do mar.